

Um dia de 'frisson' no Rio

RIO AGÊNCIA ESTADO

Parecia dia de Grande Prêmio Brasil no Jôquei Clube: clima de apostas, muita expectativa no ar, muita gente elegante. O leilão de conversão da dívida provocou verdadeiro frisson no Rio, fazendo circular na sede da Bolsa de Valores do Rio, na praça XV, um número de pessoas nunca visto no local, nem mesmo no leilão da privatização da Nova América, a sensação do ano passado. No recinto do pregão, cuja capacidade é de 430 pessoas, era difícil passar, bolsas e cotovelos se esbarrando. No auditório e nos outros locais onde foram instalados telões, mais gente. Nos dois aquários (janelas de vidro voltadas para o recinto do pregão), observadores esticando o pescoço. Pelo menos mil pessoas se comprimiram durante os momentos de maior pique do leilão, segundo os cálculos do presidente da Bolsa do Rio, Sérgio Barcellos.

As 14h30, meia hora antes do início do leilão, o local já estava cheio. Não faltaram as figuras simpáticas, exóticas ou chiques, como o corretor que vestiu camisa amarela e gravata verde para demonstrar seu "otimis-

mo", a "pantera" de meias pretas com frisos dourados e até a colunável Regina Marcondes Ferraz. O tom de espetáculo era sublinhado pelas luzes das equipes de televisão, empoleiradas nas passarelas onde, tradicionalmente, são fixadas as cotações das ações negociadas no pregão.

As 15 horas, o diretor de pregão, Danilo Fernandes, deu início ao leilão: "Aceito ofertas para US\$ 75 milhões a 0,5%". E começaram os operadores das corretoras (um de cada) a levantar crachás com seus respectivos números e a fazer ofertas. Para quem já frequentou qualquer tipo de leilão — de quadros, por exemplo — a semelhança é bem grande: enquanto os primeiros lances eram baixos (no caso, a taxa de deságio era pequena), o número de interessados é maior (o que se refletia no montante que cada corretora oferecia àquela taxa); à medida em que os lances cresciam (no caso, a taxa de deságio aumentava), alguns interessados começaram a desistir. No caso de um leilão de quadros, é porque o preço acaba sendo muito caro. No caso de um leilão de dívida, é porque um deságio alto significa que o crédito do interessado vai tendo seu valor reduzido.

Assim, quando foi anunciada a

primeira taxa (0,5%), apareceram 17 ofertas que, reunidas, ultrapassavam os US\$ 75 milhões do primeiro pregão, totalizando US\$ 172,4 milhões. Quando acontece isso, o diretor eleva a taxa para 1% (vai de 0,5% em 0,5%) e acata novas ofertas. E o procedimento é o mesmo até chegar a uma taxa que resulte num total de ofertas inferior ao apregoado. Cada corretora que fez um lance à esta taxa tem direito de converter aquilo que pediu. A diferença para o montante apregoado é rateada entre as corretoras que fizeram lances à taxa imediatamente anterior. No leilão de ontem, quando o deságio chegou a 27%, 15 corretores fizeram lances, somando US\$ 73 milhões. Os US\$ 2 milhões restantes foram rateados entre as que lançaram ofertas a 26,5% e quiseram permanecer no rateio.

O leilão para áreas livres foi acompanhado com muita atenção pelo público presente, incluindo muitos estrangeiros. Falava-se inglês (sobretudo com acento norte-americano), francês e japonês, entre outras línguas. Fato curioso é que muitos credores que torceram o nariz para o deságio no processo de conversão voltaram atrás e resolveram participar do leilão.